

AS METAMORFOSES DA MULHER NA POESIA BRASILEIRA FINISSECLAR

Juliana Pêgas Costa (UERJ/FFP)
jujupegas@hotmail.com

1. *Introdução*

A poesia brasileira do segundo oitocentos, marcada por uma verdadeira pluralidade de estilos literários, apresenta a mulher em suas diversas metamorfoses. Essa figura feminina perpassa as estéticas de *fin de siècle* sob influência decadentista, estética que elege Charles Baudelaire como patrono e retira, de seu tom profanador, grande inspiração.

Este trabalho pretende analisar algumas das diversas faces atribuídas à mulher, presentes nos poemas de Olavo Bilac e Raimundo Correia, inseridos e rotulados como parnasianos, mas que carregam nítida influência da estética decadentista.

2. *As diversas faces da femme fatale*

Charles Baudelaire, poeta francês, foi considerado o “pai” do Decadentismo. Seus poemas revelam a mulher como agente, dominadora do ato sexual, trazendo para a literatura a figura da *femme fatale*, que será recorrente na poesia brasileira *finissecler*. O escritor, ao apresentar essa “fêmea maldita”, desagrada a burguesia francesa, causando polêmica. Vale lembrar que a sexualidade constitui-se como um tabu em muitas sociedades. Os valores, a moral, com o reforço da religião, tentam deter ou regular o instinto natural do sexo. Segundo Camille Paglia: “A sociedade é uma construção artificial, uma defesa contra o poder da natureza (...). O homem civilizado esconde de si mesmo a extensão de sua subordinação à natureza” (PAGLIA, 1993, p.13).

Dessa forma, Baudelaire, ao apresentar a mulher exercendo seus desejos, mostrando sua sexualidade, transgredia, de fato, os valores morais. O autor de “As flores do Mal” repudiava o natural. Sob

essa perspectiva, a mulher, “ser natural por excelência”, era abominável na visão baudelairiana:

A mulher é o oposto do Dândi.
 Deve, pois, nos causar repulsa.
 A mulher tem fome e quer comer – sede, e quer beber.
 No cio, quer ser comida.
 Que glória!
 A mulher é natural, isto é, abominável.
 Por isso mesmo ela é sempre vulgar, ou seja, o contrário do Dândi.

(BAUDELAIR, 1995, p.525)

A partir dessa concepção, o poeta traz para a literatura figuras femininas que se afastam, ao máximo, do ideal naturista. Surge, nesse cenário, a mulher maquiada, em que o artifício da maquiagem transforma a natureza imperfeita: “tudo o que a moda faz deve ser considerado uma deformação sublime da natureza, transformando a natureza grosseira e imunda em charme e beleza” (BAUDELAIRE, 1993, p. 244). Surgem, também, as figuras da lésbica, da prostituta e da mulher infértil, uma vez que a maternidade representaria o retrato mais fiel da natureza.

O período entre o final do século XIX e início do século XX é marcado por uma verdadeira pluralidade de estilos. Como afirma José Guilherme Merquior (1996, p. 141): “A pluralidade de estilos é o aspecto mais ostensivo do segundo Oitocentos”. Estes estilos tiraram de Baudelaire grande influência.

O Parnasianismo, movimento literário francês, inicia-se com a publicação de *Le Parnasse Contemporain*, em 1866, que contou com Théophile Gautier, um dos poetas mais importantes do movimento. Esta escola literária buscava a precisão vocabular, a perfeição formal e evitava os exageros sentimentais, como fizera outrora o Romantismo. Os poemas deveriam ser fruto de um verdadeiro trabalho com as palavras, e não um mero produto da inspiração. No Brasil, essa estética, assim como o Simbolismo, foi alvo de inúmeras críticas, uma vez que nela não havia preocupação direta com questões sociais ou de cunho nacional. Isso fez com que o movimento fosse considerado superficial, por muitos críticos literários entusiastas do Modernismo.

Essa estética, para alguns influenciada pelo cientificismo e positivismo, mostrou certa dualidade na figura feminina: de um lado, a mulher da ideologia católica, ressaltando-se sua bondade e maternidade. De outro lado, seus desejos e sua sensualidade. “De alguma maneira, é também a repetição de um certo dualismo entre o 'bem' e o 'mal', o pecado e a virtude”(SANT’ANNA, 1984, p. 68).

Segundo os preceitos positivistas, a mulher deveria representar o amor e a bondade, deveria sustentar a base familiar. Dessa forma, a estética parnasiana, sob influência dessa corrente científicista, mostra a face dessa mulher de uma sociedade patriarcal.

Por outro lado, encontramos a mulher, ainda na estética parnasiana, de forma bastante sensual. Porém, nota-se um conflito, uma vez que todo o prazer do eu lírico pela figura feminina transporta-se para um distanciamento, no momento em que a imagem da mulher transforma-se em objeto estático, passível de contemplação: “Fixada num pedestal ou colocada no imaginário do poeta como algo a ser apenas visto, essa imagem narra o conflito entre a pulsão e o recalque”, afirma Affonso Romano de Sant’anna (*Idem*, p. 71). Nesse sentido, ao colocar a mulher como objeto a ser contemplado, transpara o ideal parnasiano em seu sentido estético, no “culto do objeto plástico à distância” (*Ibidem*, p. 71). Mas essas não são as únicas faces atribuídas à mulher no Parnasianismo. Há também a presença da fêmea devoradora e cruel, o que reforça a marca decadentista nesse movimento literário.

O Decadentismo, estética também de matriz francesa do século XIX, mostrava-se contrária ao “cientificismo” parnasiano e ao naturalismo. A princípio, esta nomenclatura fora atribuída a certos pensadores que, com inspiração na obra de Charles Baudelaire, eram contrários à sociedade norteada pelos valores positivistas e burgueses. Entre esses intelectuais, destacam-se Stéphanie Mallarmé (1842-1898), Paul Verlaine (1844-1896) e Joris Karl Huysmans (1842-1898). Este movimento retira de Baudelaire seu prazer em desagradar, em chocar e em transgredir.

A figura da *femme fatale* baudelaireana emerge no Decadentismo, o qual irá influenciar as estéticas Parnasiana e Simbolista. De acordo com a professora francesa Mireille Dottin-Orsini, “a literatura

da segunda metade do século XIX mostra claramente que a mulher mete medo, que é cruel e pode matar” (1996, p. 13).

Nossos poetas Raimundo Correia e Olavo Bilac, inseridos no Parnasianismo, trazem essa figura feminina transgressora em diversos de seus poemas, colaborando para a percepção de que o Decadentismo se faz presente em poetas rotulados e classificados como pertencentes a outra estética literária.

A partir desse perfil, sob influência da estética decadentista, é que serão analisadas algumas faces recorrentes da mulher na poesia brasileira parnasiana: as emblemáticas Salomé e Cleópatra, a mulher sereia, a mulher vampira e a Esfinge.

Quando se fala em Decadentismo, principalmente ao abordar a imagem feminina, surge, de imediato, a imagem de Salomé.

O episódio bíblico contido nos evangelhos de Mateus (14, 1-11) e Marcos (6,17-28) apontam Salomé como responsável pela morte de João Batista. Mas esse fato não é suficiente para que essa emblemática figura se torne a deusa dos decadentistas. Salomé, numa festa do palácio, dança para Herodes, conquistando, assim, a possibilidade de realizar um de seus desejos. Atendendo ao pedido de sua mãe Herodias, pede a cabeça de João Batista.

Eis a musa eleita pelos decadentistas, ao unir beleza e sensualidade à ruína e à destruição. De acordo com Cláudia Amorim, “Salomé não é apenas uma sedutora; é, para os decadentistas, uma obra de arte viva, perigosa, fatal ao homem” (AMORIM, 2004, p. 41-42).

O episódio bíblico será alvo de diversas releituras, a partir do século XIX, tornando-a cada vez mais cruel e libidinoso. Entre as célebres interpretações estão as pinturas de Gustave Moreau, em 1876, e a peça teatral de Oscar Wilde, estreada em 1896, quatro anos após ter sofrido censura.

Com efeito, Salomé está presente nas mulheres, ao unirem beleza e sensualidade à ruína do homem. Essa figura serve de alegoria a tantas outras mulheres malditas da literatura. De acordo com Paula Morão:

O mito de Salomé, ao longo da história das suas ocorrências textuais, cada vez se afasta mais da glosa do texto matricial dos Evangelistas,

e progressivamente se encaminha para a miscigenação com diversas outras figuras mitológicas que se estruturam segundo um mesmo paradigma disfórico, de sexo representado como ritual violento, angustiante, provocador de ruínas, morte e destruição (MORÃO, 1997, p. 116)

Diversos poemas de Olavo Bilac e Raimundo Correia deixam entrever a imagem de Salomé, através de figuras femininas com e-xuberante beleza que mostram seus poderes de destruição.

O poema “Abyssus”, de Olavo Bilac mostra, claramente, a ferocidade da mulher que destrói e devora o homem:

Bela e traidora! Beijas e assassinas...
 Quem te vê não tem forças que te oponha
 Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,
 E, quando acorda, acorda feito em ruínas...
 Seduzes e convidas, e fascinas,
 Como o abismo que, pérfido, a medonha
 Fauce apresenta flórida e risonha,
 Tapetada de rosas e boninas.
 O viajor, vendo as flores, fatigado
 Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,
 Avança, incauto... Súbito, esbroado,
 Falta-lhe o solo aos pés: recua e corre,
 Vacila e grita, luta e se ensanguenta,
 E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...

Logo de início, o poeta ressalta a beleza da mulher relacionada à maldade e o prazer que o homem tem em ser seduzido por ela. Em seguida, apresenta a face escondida desse prazer: a degradação do homem. Essa mulher ataca e, sem motivo aparente, devora o homem e o submete à pior das tormentas. A mulher é, aparentemente, um universo dicotômico de extremos. Ora proporciona imenso prazer, ora imensa dor, mas essas sensações caminham juntas no significado dessa mulher, ressaltando-se o ideal decadente. A mulher apresenta-se como verdadeira encarnação do mal, levando a figura masculina, através das tentações carnavais, às penitências do que fora desfrutado. Na visão de Camille Paglia, “para Baudelaire, sexo é limitação e não libertação” (1992, p.388). Da mesma forma, o poema de Bilac apresenta essa percepção de que o homem “é traído pelo corpo, entregue às mãos das mulheres por fraqueza sexual” (*Idem*, p. 388).

Os últimos versos mostram essa destruição sendo efetivada. A mulher, como um animal feroz, faz do homem sua presa e o devora.

O homem tenta fugir, mas a superioridade desta mulher não permite que ele tenha forças para lutar.

O poema sugere outra figura feminina muito recorrente no Decadentismo: a mulher-vampiro. O primeiro verso já contém traços de vampirismo, no momento em que o poeta relaciona o beijo ao assassinato. Essa imagem misteriosa, que une paixão e morte, constituiu-se como uma das diversas faces da mulher fatal. No poema “As metamorfoses do Vampiro”, Charles Baudelaire apresenta a mulher sob esta figura, com “lábios de framboesa / coleando qual serpente ao pé da lenha acesa”. Ainda no mesmo poema, ela diz: “Tão douta na volúpia eu sou, queridos sábios, / Quando um homem sufoco à borda de meus lábios”. O soneto XIV, de *Via-Láctea*, de Olavo Bilac deixa entrever os mesmos efeitos mortais causados pela figura feminina, através de sua “mordida”:

Depois dos lábios sôfregos e ardentes,
Senti – duro castigo aos meus desejos –
O gume fino de perversos dentes...

E não posso das faces poluídas
Apagar os vestígios desses beijos
E os sangrentos sinais dessas feridas!

Outra forte imagem feminina presente na estética decadentista é a de Cleópatra. A mais famosa rainha egípcia foi eternizada por sua inteligência e seu enorme poder sedutor. De acordo com Camille Paglia, “escravizada pela natureza, Cleópatra torna-se uma escravizadora sexual sadiana” (1993, p. 385). Com sua fascinação por serpentes, encarnará, na poesia do segundo oitocentos, a imagem da mulher-serpente, sedutora, envolvente e letal, símbolo da tentação erótica. O poema “Na Tebaida”, de *Sarças de Fogo*, de Olavo Bilac, traz essa mulher, encarnada na figura da serpente, sensual, sedutora e sádica: “Luto: porém teu corpo se avizinha/Do meu, e o enlaça como uma serpente... / Fujo: porém a boca prendes, quente, / Cheia de beijos, palpitações, à minha...”.

O mesmo poeta, em “O sonho de Marco Antônio”, descreve a sensualidade e o poder da mulher na figura de Cleópatra: “Ele é valente e ela o subjuga e o doma... / Só Cleópatra é grande, amada e bela! / Que importa o império e a salvação de Roma? / Roma não vale um só dos beijos dela!”.

A enigmática Esfinge também terá forte representação na poesia do segundo oitocentos. Segundo a mitologia grega, Esfinge era formada por cabeça de mulher, patas, garras e peitos de um leão, uma cauda de serpente e asas de águia. De acordo com a tradição grega, ela teria sido enviada para amaldiçoar a cidade de Tebas, lançando seu enigma, quase indecifrável, aos seus desafiadores. Como mortal consequência por não desvendar seu mistério, a criatura maligna devorava diversos homens que ousavam desafiá-la. Por sua inteligência (representada pela cabeça humana), causando destruição, essa Esfinge feminina torna-se uma das diversas metamorfoses sofridas pela mulher, presente nas estéticas finisseculares. O poeta Raimundo Correia, inserido na estética parnasiana, contém leves ressonâncias decadentistas, e apresenta a figura da mulher em seus poemas, sob nítida influência dessa estética. O soneto “Desdénis” mostra a face cruel, maligna das *femmes fatales*. Logo no início do poema, a mulher surge como uma fera, com “unhas de coral felinas”, pronta para destruir o homem: “garras que, a sorrir, tu me assassinas”. Assim como a Esfinge, essa mulher é uma cruel fera, que domina sua presa e a devora sem piedade.

A efigie da Esfinge não está presente somente na *femme fatale*. Por ser uma figura enigmática, misteriosa, surge no cenário como a figura do mistério e das máscaras. A estética decadentista, através do simulacro configura-se, de acordo com Latuf Isaias Mucci, como “um texto esfíngico, que prescinde da decifração, porque vive de suas máscaras” (MUCCI, 1994, p. 52).

Outra *persona* que emergirá na poesia brasileira parnasiana, através das influências decadentistas, é a sereia. Sugestiva e insaciável, a “mulher-sereia” seduz e inebria com seu canto. Essa figura, como tantas faces da mulher fatal, possui um poder infundável de sedução e de causar a morte do homem. O poema “A uma cantora”, de Raimundo Correia, deixa transparecer essa figura mitológica seduzindo o eu lírico, que diz ter sofrido uma flechada em seus ouvidos, através de seu canto.

Olavo Bilac também traz em seus poemas a figura da sereia. Em “Medalha Antiga”, sua beleza e sua sensualidade são exaltadas: “Nua a deusa, nadando, a onda dos seios túmidos/ Leva diante de si, amorosa e sensual”. O mesmo poeta, no poema “A Iara” mostra, no-

vamente, essa figura folclórica sendo contemplada pelo eu lírico: “Vive dentro de mim, como num rio, / Uma linda mulher, esquiva e rara”.

3. Conclusão

A mulher aparece na literatura do segundo oitocentos assumindo diversas faces. Algumas delas, como as emblemáticas Salomé e Cleópatra, a vampira, a Esfinge e a sereia mostram-se extremamente sensuais e sádicas e entram no cenário da literatura como agentes, dominadoras do ato sexual. Os poetas Olavo Bilac e Raimundo Correia deixam entrever diversas das configurações da mulher fatal. Inseridos na estética parnasiana, esses, entre diversos poetas, mostram a visível presença da tão esquecida estética decadentista. Os traços do Decadentismo estão presentes, e muitas vezes, escondidos nas estéticas rotuladas como parnasianas ou simbolistas. Por isso, é importante ressaltar que, a figura feminina, em suas metamorfoses, perpassa essas estéticas do segundo oitocentos sob nítida influência decadentista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMORIM, Cláudia. A cabeça de Sá-Carneiro na bandeja de Salomé: uma imagem da mulher na obra do poeta dos abismos. In: NAZAR, Sérgio (org.). *As mulheres são o diabo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. Meu coração a nu. Trad. Fernando Guerreiro. In: _____. *Poesia e prosa*. Edição organizada por Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. *O pintor da vida moderna em Obras estéticas, filosofia da imaginação criadora*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: Textos e imagens da misoginia Fin-de-Siècle*. Trad. Ana Maria Schreber. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Breve história da literatura brasileira I. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MORÃO, Paula. Salomé e seus avatares: representações do feminino perverso nos poetas portugueses de Orpheu. In: *Convergência lusíada*, n. 24. Rio de Janeiro: Nórdica, 1997.

MUCCI, Latuf Isaias. *Ruína & simulacro decadentista*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1994.

PAGLIA, Camille. *Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. 3. reimp. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Da mulher esfinge como estátua devoradora ao strip-tease na alcova. In: __. *O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.